

Boas razões para comprar ou recusar a oferta do BB

MERCADO À VISTA



MARA LUQUET

Um ex-presidente do Banco do Brasil que conhece bem sua engenharia acredita que as ações do banco vão se valorizar ao longo do tempo. Hoje, segundo ele, a máquina do BB está bem azeitada e o comitê de crédito tem condições de barrar qualquer empréstimo de caráter duvidoso. Os membros do comitê, ele acredita, são e permanecerão ortodoxos na concessão de créditos, levando o banco a manter-se na rota da lucratividade recente.

Carteira de crédito é a parte mais sensível da atividade bancária, em especial em bancos oficiais.

Mas esse ex-presidente do BB não acha que seja hora de fazer a oferta de ações do banco para que trabalhadores utilizem seu FGTS na operação. Ele diz que o gestor do banco está mudando e esta é uma variável que acrescenta mais risco a uma aplicação que já é, por si só, bastante arriscada.

Um trabalho do professor da Escola de Pós-Graduação da Fundação Getúlio Vargas (EPGE/FGV), Marcelo Neri, em conjunto com Kátia Carvalho, do IBGE e Mabel Nascimento, também da FGV, realizado em 2000, mostra que "dentro as características reconhecidas como importantes pelos depositantes de caderneta de poupança, o risco de investimento, captado pelo quesito segurança aparece em primeiro lugar (42%)". O estudo diz que os ativos que possuem maior risco têm maior relevância

para uma faixa etária mais jovem onde 5% aplica em ações, enquanto entre os mais velhos a aplicação em ações é de 2%.

Note que o percentual de poupadores que aplicam em ações ainda que na faixa etária mais jovem é baixo. E o custo de oportunidade de aplicar em caderneta de poupança (rendimento extremamente baixo) também favorece aplicação em ações.

Os trabalhadores brasileiros conhecem pouco o mercado de ações. Mas na tentativa de popularizar a Bolsa, começa a se formar uma onda que em alguns meses poderá levar a uma maré de euforia utilizando para tanto o dinheiro do fundo de garantia. E euforia nada adianta para o crescimento do mercado, apenas fornece munição para investidores e especuladores mais acostumados a lidar com esses movimentos realizarem seus lucros.

O país já viu esse filme no passa-

do, no fim dos anos 60 com o decreto lei 157, um benefício fiscal que levou milhares de novos investidores às bolsas. Mas o que fora criado para engordar o mercado virou uma bolha especulativa que estourou em 1971 e levou anos de ressaca. Gerações acostumaram-se a enxergar a bolsa como um cassino e passaram anos aceitando resignadas os baixos rendimentos da poupança.

A bolsa é um cassino para alguns especuladores. Mas também é um excelente instrumento de capitalização de economias de trabalhadores, desde que para isso eles comprejam ações de boas empresas com perspectiva de crescimento de lucro e de pagamento de dividendos. O BB, neste momento, é uma incógnita para bem formados e treinados analistas e assim deveria ser vendido para os trabalhadores.

Ocorre que seu controlador precisa se desfazer do excesso de ações

que tem o banco e no rastro da "euforia" das operações de Petrobras e Vale do Rio Doce (ambas com vendas de ações também para estrangeiros) quer fazer a oferta.

Aquele trabalhador que já tem sua casa, ou seja, não vai utilizar seu fundo de garantia para comprar um imóvel, tem um saldo alto na conta do FGTS e não se importa com risco pode achar razoável e bastante oportuno aplicar uma fatia desses recursos em ações do BB que podem no futuro apresentar uma valorização acima dos rendimentos do FGTS.

Dois ingredientes contribuem para tanto. As ações brasileiras estão baratas e se o novo governo acertar sua rota de crescimento haverá um realinhamento de preços para cima. Outro ingrediente bastante forte é a entrada do BB no Novo Mercado, que tende a fazer com que suas ações sejam negociadas com um prêmio.

Mas o trabalhador que tem pla-

nos para utilizar seu FGTS na compra da casa própria, ou não se sente seguro no emprego ou ainda não conta com nenhuma reserva para se financiar caso seja demitido deve avaliar o seu próprio custo de oportunidade. Observe que investidores estrangeiros e institucionais estão recusando esta oferta e o governo só conta com você para ter sucesso na operação. Talvez você possa pedir um prêmio maior para correr esse risco e só entrar na operação se as ações lhe forem vendidas com um desconto. Aquele trabalhador que não entrou na operação de Petrobras e Vale por medo da bolsa deve ser ainda mais criterioso, pois o mercado de ações embute seus próprios riscos e algumas ações embutem riscos maiores do que outras.

Mara Luquet é editora de Investimentos Pessoais e Carreira e autora do livro Gestores de Fortunas

E-mail mara.luquet@valor.com.br